

**Impacto** Cenário mais pessimista aponta para corte no crescimento mundial de 1 ponto percentual. Analistas ouvidos pelo Expresso acham que não

# Gigante treme mas não se afunda

JOÃO SILVESTRE  
e JORGE NASCIMENTO RODRIGUES

**T**al como as partículas radioativas, que se espalham pelo mundo sem pedir licença, também uma crise no Japão — a terceira maior economia mundial — tem consequências globais. A sua extensão dependerá da verdadeira dimensão do problema nuclear, que não está resolvido, e da capacidade de recuperação da economia do país.

O terramoto e tsunami de 11 de março no nordeste do Japão foi o segundo 'ciske negro' do ano — depois do abalo provocado pelo domínio dos levantamentos no Magrebe e no Médio Oriente, que já teve um impacto direto no preço do petróleo.

Em 1995, depois do terramoto de Kobe, a economia nipónica voltou a ser praticamente o que era no espaço de um ano. Agora muitos especialistas esperam que aconteça o mesmo. O desastre ocorrido poderá implicar uma desaceleração anual de um quarto a meio ponto percentual no Produto Interno Bruto (PIB) japonês, segundo dados do Banco Mundial. No pior cenário, simulado pelo banco suíço Sarasin, o custo global deste desastre poderá implicar uma quebra de um ponto

percentual no PIB mundial em 2011. A economia japonesa tem estado em quase estagnação há perto de duas décadas. O PIB nominal nipónico atual está ao nível do de 1992. Qualquer fator não económico pode ser, por isso, dramático. No entanto, Bill Whiterell, da Cumberland Advisors, refreia o pessimismo: "O abrandamento será temporário". As suas estimativas apontam para um impacto negativo no segundo trimestre, com um crescimento ainda de 1,5% nos primeiros três meses.

## Bancos centrais intervêm

Um sinal de que as famílias e as empresas japonesas já estão a trabalhar na recuperação é a entrada em massa de dinheiro no país. No dia 16 de março, poucos dias depois da catástrofe, a moeda japonesa atingiu o valor mais alto contra o dólar desde 1995, nos 78 ienes por dólar. Esta valorização foi travada por uma intervenção dos bancos centrais do G-7 (os sete países mais industrializados), incluindo o Banco Central Europeu, uma ação conjunta que já não ocorria desde 2000.

Os analistas temem outro impacto — nas contas públicas a médio prazo. São uma grande dor de cabeça, refere Enrique Mendoza, professor de Economia da Universidade de Maryland e coautor de um estudo recente do National Bureau of Economic Research sobre 'fadiga orçamental'. O estudo estima que a dívida pública japonesa pos-

sa atingir os 250% do PIB em 2015, a maior dívida pública do mundo em termos relativos. Com eventos inesperados poderá ainda vir a ser maior.

Apesar do agravamento da situação orçamental até 2015, o Japão conta com três almofadas: o facto de a quase totalidade (95,4%) da dívida pública estar na mão de japoneses; as enormes reservas em divisas de que dispõe, num total de €772 mil milhões; e o facto de ser o maior credor do mundo com ativos líquidos externos na ordem dos €1,97 biliões. No entanto, há um facto novo que poderá complicar este panorama — a taxa de poupança das famílias nipónicas desceu de 18% do rendimento em 1980 para 3% atualmente, o que poderá vir a afetar a capacidade de financiamento interno.

A outra área de preocupações tem-se situado na avaliação do impacto das paragens de produção no Japão sobre as cadeias globais de fornecimento, nomeadamente de componentes. Os especialistas consideram que se trata do primeiro grande teste, já que o Japão domina 20% da produção de alta tecnologia, hoje decisiva à escala mundial. O maior impacto até pode não ser imediato, mas no segundo trimestre.

David Caploe, editor em Singapura do EconomyWatch, cita como casos emblemáticos cinco componentes críticos que os japoneses fornecem para o muito mediático iPad2 da Apple. Mas os analistas consideram que as cadeias de fornecimentos são resistentes: "A



Um chefe num restaurante japonês de Hong Kong media, esta semana, as radiações de peixe importado da região de Kyushu, que foi afetada pelo terramoto

## Perigo pode chegar em camiões TIR

Produtos alimentares importados do Japão sem controlo alfandegário poderão chegar a Portugal por via terrestre em camiões TIR vindos da Holanda, França ou Alemanha. O alerta é feito por dois dos maiores importadores de alimentos nipónicos em Portugal. Vítor Chen, responsável da empresa Sin Fan Trading, lembra que nos grandes portos holandeses, é impossível que as autoridades alfandegárias consigam fiscalizar todos os contentores provenientes do Japão. "São as portas de entrada". Luís Barradas, diretor comercial da Keta Foods corrobora e revela que há empresários em Portugal (a maioria de nacionalidade chinesa) que se deslocam ao norte da Europa, onde chegam esses produtos do Japão, para os comprar aos fornecedores locais. Depois regressam a Portugal com os camiões TIR carregados. "Nos próximos meses, é preciso estar alerta com o transporte dessas cargas", diz o empresário que lembra que para as autoridades é mais difícil controlar as mercadorias transportadas por via terrestre do que por via marítima. O Ministério da Agricultura, entidade responsável pelo controlo dos níveis de radioatividade dos produtos japoneses, é taxativo: "Não serão colocados no mercado quaisquer produtos contaminados". Uma fonte oficial lembra que o Japão já anunciou que não vai exportar produtos agrícolas e piscatórios oriundos das proximidades da central nuclear de Fukushima. Além disso, "as importações de géneros alimentícios de origem animal do Japão têm sido quase inexistentes (0,06%). A mesma situação aplica-se aos alimentos para animais". As importações deverão ser ainda mais baixas nos próximos tempos. "Vamos ter de procurar outros mercados", afirma Miguel Pedro, da distribuidora Tsubaki. O vinagre virá do Reino Unido, o arroz de Itália e o saké, dos EUA. A mesa dos restaurantes japoneses, a preocupação é outra. "Os clientes não escondem o alarmismo e querem saber se o *sushi* que comem veio do Japão depois do terremoto", diz o dono de um restaurante de Lisboa. Para estes clientes, a garantia dada pelo ministro da Agricultura, António Serrano, de que não chegam a Portugal produtos alimentares do Japão desde 12 de fevereiro, parece ter caído em saco roto. Resultado? Uma quebra de 10% das receitas em muitos restaurantes. Luís Barradas ironiza: "As pessoas deviam estar preocupadas com os *buffets* baratos de *sushi* sem qualidade e não com a radiação da comida".

HUGO FRANCO  
hfranco@expresso.imprensa.pt

## José Miguel Pinto dos Santos diretor do MBA da AESE

# "E diziam que a central nuclear era segura"

**Doutorou-se em Hiroshima e deu aulas no Japão durante 18 anos. Acredita que a reconstrução será feita em poucos anos**

José Miguel Pinto dos Santos, professor de Finanças e diretor do MBA da escola de negócios AESE não esconde a mágoa provocada pelo desastre ocorrido no Japão a 11 de março. Casado com uma japonesa, doutorou-se em 1995 pela Universidade de Hiroshima, onde deu aulas durante 18 anos, tendo sido igualmente consultor financeiro do gigante Japan Post. Pinto dos Santos trabalha atualmente em Lisboa, mas mantém contactos diários com o Japão, onde acompanha a situação de vários amigos, colegas académicos e familiares da sua mulher.

No seu gabinete na AESE mostra um exemplar da revista "Nikkei Business", com data de 14 de março. "Esta revista foi para a gráfica antes de 11 de março, por isso é anterior ao terramoto, mas o mais curioso é que inclui publicidade institucional da Tecpo — Tokyo Electric Power Company, onde explica as vantagens da central nuclear de Fukushima e em que o responsável pelo reator nº 1 desta central, o senhor Yoshida, dizia que a segurança da unidade de Fukushima estava completamente salvaguardada". Ora, um dos principais problemas vividos no Japão relaciona-se com a catástrofe nuclear ocorrida na central de Fukushima, diz o académico.

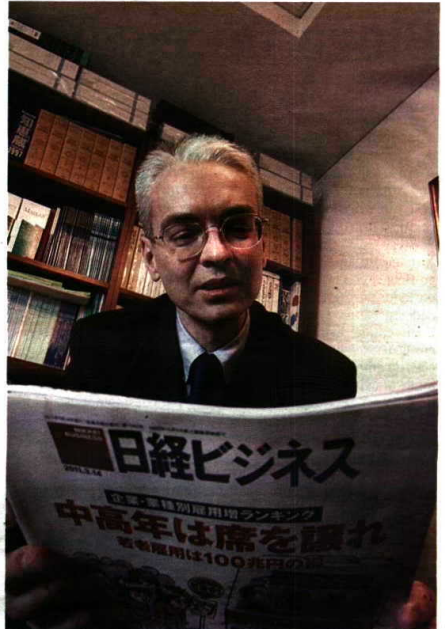
Neste momento, Pinto dos Santos diz que o que mais preocupa a sociedade japonesa é o sofrimento humano. O número total de vidas perdidas "está contabilizado em cerca de 8600 mortos, e pelo que me dizem pode chegar a um número muito superior, entre 10 mil e 20 mil pessoas", refere. A zona afetada pe-

lo violento sismo e pelo posterior tsunami não dispõe de infraestruturas que permitam o regresso rápido à normalidade — sem eletricidade, água canalizada e acessos rodoviários —, "mas ninguém duvida que o Japão lançará rapidamente um plano de reconstrução".

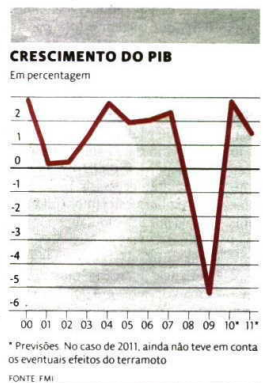
Quanto ao valor total dos ativos destruídos — que no máximo corresponderá a 4% do produto interno bruto (PIB) japonês —, refere que é "um valor exorbitante", mas "não impedirá que a reconstrução da área afetada dinamize o crescimento económico". O académico diz que "as indústrias terão oportunidade de fornecer novos produtos, desde as empresas de construção, aos fabricantes de eletrodomésticos, automóveis, além dos fornecedores de equipamentos públicos, para jardins, portos ou estradas".

A poupança dos particulares também "será alterada no Japão, porque as pessoas que perderam casas vão ter de comprar novas habitações", diz. Mas como o Japão apresenta um nível elevado de poupanças particulares, "o saldo total só será afetado de uma maneira muito marginal", refere.

Ainda terá de ser contabilizado o efeito dos subsídios que o Governo japonês vai disponibilizar para promover o esforço de reconstrução, admite Pinto dos Santos. Para tal, o Governo japonês terá de arranjar dinheiro, o que levará a que os principais grupos nipónicos troquem por ienes parte dos ativos detidos nos mercados externos, como os EUA, a Europa ou os principais países asiáticos, prevê Pinto dos Santos. Por isso, "a cotação do iene vai sofrer uma pressão constante no sentido da valorização, o que terá consequências negativas na redução das exportações japonesas". J.F., P.F.



Pinto dos Santos: "Dias antes da tragédia, os responsáveis da central de Fukushima elogiaram-na" FOTO TIAGO MIRANDA



### PARCEIROS NA OCDE

Soma das importações e exportações, milhões de dólares

EUA	149.579
Coreia	71.198
Austrália	43.221
Alemanha	40.289
Canadá	18.158
França	17.417
Reino Unido	14.999
Holanda	13.203
México	12.998
Bélgica	12.157
Itália	10.581
Suíça	9.816
Chile	6.258
Espanha	6.115
Rep. Checa	3.688

FONTE: OCDE (2009)

### EFEITOS DO DESASTRE

- Custo: entre €85 mil milhões e 165 mil milhões; um abrandamento de 0,25 a 0,5 pontos percentuais no crescimento do PIB real no primeiro semestre de 2011
- Custo para as seguradoras: entre €9,8 mil milhões e €23,1 mil milhões
- Derrocada bolsista em Tóquio nos dias 14 e 15 de março: 16,25% de queda acumulada no índice TOPIX
- Orçamento para a reconstrução: €8,5 mil milhões ainda no ano fiscal de 2010
- Operações de injeção monetária previstas pelo Banco do Japão: €85 mil milhões
- Operação conjunta dos bancos centrais do G-7 em 18 de março de travagem da valorização do iene: injeção equivalente a €7,2 mil milhões na banca japonesa
- As exportações para o Japão por parte dos países asiáticos poderão reduzir-se entre 0,75% a 1,5%
- Impacto nas cadeias globais de fornecimento: um quinto dos produtos de alta tecnologia tem origem no Japão
- Sectores mundiais mais afetados: eletrónica e automóveis

capacidade de resiliência é algo que vamos ver neste caso do Japão", diz Charles Fine, professor da Sloan School of Management do MIT. O facto de os maiores estragos se terem localizado na costa nordeste poupou o Sul mais industrializado. Ainda assim, este tipo de eventos inesperados poderá levar os gestores a caminhar do *just-in-time* (fornecimentos na hora, inventado pelos japoneses) para o *just-in-case* (fornecimentos de prevenção, implicando maior armazenamento e redundância no sistema), conclui David Caploe.

A região do globo mais afetada economicamente pelo desastre japonês é, naturalmente, a Ásia. Das 15 economias com as quais o Japão tem maiores laços comerciais, apenas oito são da União Europeia (ver gráfico). Já para Portugal, que não aparece nesta lista, o Japão tem um peso reduzido nas exportações e importações. A crise japonesa não terá grandes consequências para a zona euro e não será por isso que o banco central deixará de subir os juros para travar a inflação, que se mantém acima da meta de 2%.

jsilvestre@expresso.imprensa.pt



## Japão: economia treme mas não cai

**O país já mostrou  
a sua capacidade de  
recuperação no passado.  
Agora pode voltar  
a fazê-lo novamente**

O terramoto no Japão vai ter consequências mas os especialistas esperam que a economia nipónica recupere rapidamente. Tudo vai depender da evolução da crise nuclear que está a provocar receios em todo o mundo. **E10**